



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

JOYCE CHAVES PACHECO

HOMOAFETIVIDADE: relação entre pais e filhos

**GUARABIRA – PB
2016**

JOYCE CHAVES PACHECO

HOMOAFETIVIDADE: relação entre pais e filhos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Prof^ª. Esp. Rônia Galdino da Costa

GUARABIRA– PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P116h Pacheco, Joyce Chaves
Homoafetividade: relações entre pais e filhos [manuscrito] /
Joyce Chaves Pacheco. - 2016.
30 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Rônia Galdino da Costa, Departamento de
Educação".

1. Homoafetividade. 2. Pais. 3. Filhos. I. Título.

21. ed. CDD 370

JOYCE CHAVES PACHECO

HOMOAFETIVIDADE: relação entre pais e filhos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 19/05/2016.

Rônia Galdino da Costa
Prof^ª Esp. Rônia Galdino da Costa / UEPB
Orientadora

Rita de Cássia da Rocha Cavalcante
Prof. Ms^a Rita de Cássia da Rocha Cavalcante / UEPB
Examinador

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Prof^ª Ms^a Mônica de Fátima Guedes de Oliveira / UEPB
Examinadora

GUARABIRA – PB
2016

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 PERCURSO HISTÓRICO	9
2.1 FASES PSICOSSEXUAIS.....	14
3. RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS HOMOAFETIVOS	19
4. CASOS MUDIÁTICOS SOBRE HOMOAFETIVIDADE	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6. ABSTRACT	28
7. REFERÊNCIAS.....	29

HOMOAFETIVIDADE: relação entre pais e filhos

PACHECO, Joyce Chaves¹

RESUMO

A homoafetividade é um tema muito complexo, deixou de ser chamado de homossexualismo, pois a ciência constatou que não é uma doença, chamando assim de homoafetividade e por não se retratar a uma mera perspectiva libidinosa da relação e sim pela presença da afetividade. Entre 1948 e 1990 a homoafetividade era chamada de homossexualismo, pois era considerado um transtorno mental, no entanto no dia 17 de maio, passou a comemorar-se a exclusão da homossexualidade a partir dessa classificação estática internacional de doença e problemas relacionados com a saúde. Homoafetividade refere-se aos que se sentem atraídos (sexualmente/emocionalmente) por pessoas do mesmo sexo, praticando assim, relações sexuais com as mesmas. Além disso, pode ser conceituado como o amor e/ou desejo a uma pessoa do mesmo sexo. O presente artigo tem como objetivo despertar reflexões nos pais acerca da homoafetividade dos (as) filhos (as). A metodologia ocorreu através de pesquisa bibliográfica, qualitativa e analítica, com base em dois casos midiáticos retirados de sites, envolvendo duas famílias distintas, onde foi analisada a aceitação e as atitudes de pais com relação à orientação sexual de seus filhos. Essa pesquisa bibliográfica será sobre o assunto abordado, sendo feita através de diálogo com vários autores que estudam sobre a homoafetividade. No diálogo com os autores estudados neste artigo como Sigmund Freud, Michael Foucault, entre outros, chegamos à conclusão de que existe uma dificuldade não só social, pois a nossa sociedade ainda vê a homoafetividade de uma maneira até certo ponto homofóbica, entendendo a homofobia como uma rejeição ao homoafetivo e a homoafetividade, mas também dentro dos lares familiares, onde as pessoas das famílias como um todo, começando pelos pais, tem dificuldade em lidar com algo que não está interligado ao que eles propuseram a seus filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Homoafetividade. Pais. Filhos.

¹Joyce Chaves Pacheco, graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III
pachecojoyce0@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido, recentemente, a respeito da homossexualidade, não raro, toma-se conhecimento de atitudes prejudiciais a pessoas com orientação sexual oposta ao que a sociedade impõe como “normal”. A homoafetividade foi e é um tema abundantemente discutido e repleto de polêmicas, visto que é um assunto com muitos tabus e mistérios envolvidos.

É inegável a importância de se falar da sexualidade, pois é um contexto de ampla dimensão, visto que, abrange gênero, identidade sexual, comprometimento emocional, orientação sexual e reprodução. Sabemos que, a sexualidade se manifesta diariamente, envolvendo aspectos distintos, que podem ou não serem percebidos nitidamente.

Um dos temas relacionados à sexualidade que exige ser colocado em discussão é a homoafetividade, pois aborda assuntos abrangentes de grandes divergências, visto que, cada um de nós carrega em si seus próprios conceitos, preconceitos, valores, medos e tabus, imposto em sua maioria por um contexto familiar e social. E a família onde esta no meio de tudo isso? Como os pais representando as pessoas mais importantes da família, se relacionam como a sexualidade de seus filhos?

A família é responsável pela base em que a construção da sexualidade de cada um se apoia, seja ela participante ou omissa, liberal ou repressora, e daí, resultam práticas sexuais mais ou menos sadias ou patológicas causadoras de alegria ou angústia. (GIMENES, 2002, p. 39)

A escolha desse tema se deu após uma experiência no seio familiar, onde ocorreram discussões e contradições de ideias e concepções, despertando dúvidas e curiosidade a cerca do tema abordado. Além de ser um assunto abrangente de casos polêmicos na sociedade e nas famílias em geral.

Despertou-me o interesse de entender como se dá os comportamentos dos pais em relação à orientação sexual de seus filhos, quando este é homoafetivo. Sabe-se que a relação de pais e filhos com a orientação homoafetiva, nem sempre é aceita de forma agradável e simplória. Muitos pais possivelmente leigos e retraídos com relação ao assunto buscam achar motivos para que seu filho (a) tenha introduzido sua vida afetiva e sexual com pessoas do

mesmo sexo, e muitas vezes, não se colocando como parte e/ou responsável dessa descoberta. Além de haver certa dificuldade dos pais em se colocar como parte responsável dessa descoberta, em aceitar um filho homoafetivo, não só em casa, mas na sociedade, pois os pais temem uma realidade social muito dura, visto que a sociedade impõe desde o início uma sexualidade heterossexual, e, portanto, tendem a tratar as pessoas homoafetivas rispidamente.

O objetivo geral deste trabalho é despertar uma reflexão nos pais a cerca da homoafetividade dos (as) filhos (as), e para isso, iremos definir o conceito de homoafetividade, fazer percurso histórico da homoafetividade e analisar as cinco fases psicosssexuais segundo Sigmund Freud, identificando possíveis momentos que podem desencadear o desenvolvimento da homoafetividade; falar sobre a comunicação entre pais e filhos (as) sobre homoafetividade como acontece essa orientação sexual dentro da família quanto às questões de gêneros; analisar dois casos da mídia digital sobre homoafetividade, analisando a comunicação e aceitação da mesma dentro do seio familiar.

Faz-se importante a elaboração deste trabalho, para apresentar algumas contribuições para melhor compreensão da relação entre pais e filhos homoafetivos, despertando reflexões sobre quais atitudes referentes à opção sexual, os pais devem aprimorar, sabendo que, mesmo que a família esteja atada a uma concepção pela heterossexualidade, o (a) filho (a) é o mais fragilizado perante a uma sociedade preconceituosa, portanto precisa de apoio. Sabemos que a família foi e sempre será o alicerce de todos o que dela se faz parte.

Pensamos em algumas hipóteses: esta dificuldade na questão da relação de pais e filhos (a) pode ocorrer devido ao desenvolvimento da sexualidade dos pais interferindo no desenvolvimento de seus filhos (as)? Ou a falta de diálogo interfere na aceitação da homoafetividade?

Este estudo se subdividiu em quatro tópicos: 1º. Introdução: Iniciaremos com uma introdução, abordando o tema a ser pesquisado, os objetivos e problematização; 2º. Percurso histórico da homoafetividade, onde também definiremos o conceito da homoafetividade; 2.1. Análise das cinco fases psicosssexuais segundo Freud e como a fixação em algumas delas pode influenciar na identidade sexual; 3º. Relação entre pais e filhos (a) homoafetivos, onde, neste capítulo falaremos da comunicação e da relação entre pais e filhos homoafetivos e como se dá a aceitação desse filho; e por fim, no 4º. Analisaremos dois casos midiáticos reais iremos refletir sobre a relação de pais com a opção homoafetiva de seus filhos.

A elaboração deste trabalho visou favorecer a relação entre pais e filhos homoafetivos, tendo em vista o aprimoramento da relação, e principalmente do diálogo, que refletirá no

esclarecimento de um tema muito discutido, e pouco compreendido. Servirá também para aprimorar a relação de uma família como um todo, pois quando apenas uma pessoa da família tem algum tipo de problemática, toda a família sente de alguma forma, isto é, no caso da homoafetividade não existe apenas um ser doente, existe uma família doente, não existe apenas um ser precisando de ajuda, de se adaptar ou de redes de apoio, existe uma família precisando disso.

2. PERCURSO HISTÓRICO

Existe homossexualidade desde que o mundo é mundo, todavia, não com o mesmo conceito que temos hoje da palavra, “metade do mundo civilizado [...] não tinha naquela época medidas repressivas contra o comportamento homossexual; pelo contrário, algumas sociedades o celebravam positivamente”. (SPENCER, 1996, p.80).

Antigamente, o amor e o relacionamento entre iguais tinham seus aspectos admirados ou condenados, a aceitação variava dependendo das vigências das culturas e épocas. Destaca-se que o termo homossexualidade simplesmente não existia antes do século XIX, apesar de se ter vários termos para a idealização do significado da palavra atual nos anos antigos, como sodomia, amor masculino, inversão, entre outros. No ano de 1869, um médico húngaro, chamado Benkert, foi o primeiro a publicar em um panfleto o termo homossexualidade. O termo mais utilizado até a Idade Moderna era sodomia, porém, utilizaremos as palavras homoafetividade e homoafetivo, pois são as mais conhecidas nos dias de hoje, facilitando assim, a compreensão deste artigo.

Em todas as sociedades a bissexualidade dos homens era aceita por fazer parte dos costumes pertencentes à cultura da sociedade onde o mesmo estava inserido, portanto um homem livre adulto poderia praticar a relação anal passiva à medida que esta prática ia de acordo com as características destinadas ao sexo masculino.

Analisar historicamente a questão da homoafetividade no decorrer dos anos, sobretudo é reviver um passado repleto de discriminação e intolerância, principalmente pela igreja católica, que sempre denunciava e julgava aqueles que se consideravam ou se declaravam supostos homossexuais. Nota-se que “independente da classe social, raça, religião ou postura dos seus agentes, o amor homossexual sempre rondou os bastidores da história” (FILHO, 2000, p. 79).

A análise da sexualidade integra a historicidade do corpo, do que pode ser definido por erógeno, das prescrições estabelecidas à prática sexual e de suas emoções, evidenciando variados sentidos, de acordo com os valores socialmente constituídos em grupos, tempos e espaços históricos estabelecidos. (Feitosa, 2005, p.43).

Na antiguidade, cerca de mais de dez mil anos atrás, a homoafetividade era algo comum para as pessoas, pois fazia parte de rituais de várias tribos. Podemos tomar como exemplo, os melanésios, pois eles acreditavam que o conhecimento só poderia ser passado para outra pessoa através da cópula entre pessoas do mesmo sexo, neste ritual, um dos homens se travestia de um suposto espírito, se pudéssemos comparar como os dias atuais, este se assemelhava a uma drag queen.

Já na antiga Mesopotâmia existia um conjunto de leis comandadas pelo imperador Hammurabi, cerca do ano 1750 a. C., que davam diversas regalias a prostitutos e prostitutas que participavam dos cultos religiosos, que por sua vez, passavam a serem consideradas pessoas sagradas, portanto, podiam relacionar-se com outra pessoa devota dentro do templo da Mesopotâmia e de outros lugares. Esta mesma lei, com mais de três mil anos atrás, reconhecia a união entre pessoas do mesmo sexo, expondo o quão natural era reconhecida a homoafetividade naquela época.

No início da República Romana, as pessoas do mesmo sexo que se relacionassem e descumprissem o que se determinava eram punidas, pois havia uma lei, chamada Lei Escantínia, que penalizava os crimes sexuais contra menores livres e puniam os adultos do sexo masculino que livremente assumiam a passividade nas relações sexuais com outros homens. Essa lei tinha como objetivo prevenir os abusos sexuais a menores, mas não proibia a homoafetividade, desde que o sujeito passivo da relação, não fosse romano.

Gradativamente, a concepção da homoafetividade foi se alterando, no meio e no fim da República Romana, a não repressão sexual não era predominante, existiam regras e morais que deveriam obrigatoriamente ser seguidas, pois aqueles que as descumprisse ficaria mal visto pela sociedade, considerando assim, uma fraqueza inadmissível. Contudo, valem salientar que as regras e as morais não eram as mesmas para todos os romanos, as regras para a elite romana divergiam-se das regras dos escravos, estrangeiros ou libertos. A “pederastia” passou a ser aceita, pois se acreditava que se um jovem mantivesse relação sexual com o homem mais velho, ficaria mais viril e forte, pois, acreditava que a virilidade e a força eram repassadas através do sêmen, dando assim, início a mudança de vida do jovem que passava por esse ritual.

A prática do amor entre os homens era considerada normal e tolerável pela sociedade, porém o homem tinha que ser o ativo da relação, pois a passividade mostrava a perda da virilidade masculina, tendo como consequência a expulsão das práticas combatentes no exército romano ou até mesmo a condenação à pena de morte, segundo Veyner, “sodomizar seu escravo era considerado um ato inocente e, mesmo os censores mais severos praticamente não se preocupavam com questão tão subalterna. Em compensação, era monstruoso por parte de um cidadão ter prazeres servilmente passivos”.

No início do Império Romano, a pederastia, ou seja, a relação entre pessoas jovens com homens mais velhos foi perdendo seu status de educação dentro dos rituais e foi ganhando uma forma a satisfação do desejo sexual, onde, por sua vez, tem-se evidências que alguns dos homens mais velhos, davam preferência ao papel passivo na relação, deixando o jovem com o papel ativo. Acreditava-se que só quem tinha prazer numa relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, era o ativo, portanto o papel passivo se igualava ao papel das mulheres, que era considerado muito baixo.

Visto que, a relação entre pessoas do mesmo sexo ia cada vez mais, ganhando espaço, permitiu-se o casamento de homens do mesmo sexo, pois essa união era feita através de um acordo entre ambos. O primeiro Imperador a casar-se com outro homem foi Nero, e teve três relacionamentos, mas o autor Edward Gibbon afirma que, “dos doze primeiros imperadores somente Cláudio se interessava exclusivamente por mulheres. Todos os outros tiveram meninos ou homens como amantes”.

Outro imperador que se destaca no Império Romano por suas extravagâncias homoafetivas, é Heliogábalo, que além de ter tido vários amantes, casou-se duas vezes publicamente, vestindo-se de mulher, assumindo assim, um papel passivo numa relação, indo contra a todas as regras e morais estabelecidas para aquele determinado período da história, além de escolher seus guardas por eles serem bem dotados, no que diz respeito ao órgão genital masculino.

A homoafetividade na Roma era muito semelhante aos costumes da Grécia Antiga, sofrendo fortes influências em suas leis, rituais e relações sexuais, porém em Roma, ter o pênis grande tornava-os os homens mais atrativos e era uma forte referência da masculinidade.

Assim como em Roma e em outras sociedades, na Grécia antiga, de acordo com Maria Berenice Dias (Dias, 2000, p. 24 e 25) “existiam manifestações homossexuais nas representações teatrais, em que os papéis femininos eram representados por homens transvestidos de mulheres ou usando máscaras com feições femininas”.

Portanto, a homoafetividade era aceita e até vista como algo necessário para a sociedade, tendo em vista que, as pessoas acreditavam que as experiências sexuais entre duas pessoas do mesmo sexo, era um momento de troca de conhecimento ou experiências. Sobretudo, na Grécia onde a relação homoafetiva teve maior destaque. Porém essa prática tinha seu significado mais voltado à prática pedagógica do que erotismo.

Na Grécia, os jovens com idade inferior a dezoito anos, tinham que passar cerca de dois meses com um orientador mais velho escolhido pela família do jovem, durante esse tempo, o relacionamento deles não estava interligado apenas a prática sexual. Eles aprendiam a se tornarem homens honrados, a adquirirem etiqueta social, virtudes e moderação em seus atos, a luxúria era terminantemente condenada.

Esse processo era conhecido como a passagem da meninice para a vida adulta, e, portanto, após esse rito, estava obrigatoriamente proibida a passividade dos mesmos, pois a passividade, naqueles tempos e para a sociedade Grega era considerada uma fase infantil, que deveria ser concluída após o rito de passagem, e, portanto, esses jovens tornavam-se homens adultos a partir dos 25 anos, deveriam se casar, para assim, construir um contexto familiar com uma mulher, com a finalidade de haver procriação. Posterior a esse rito, os jovens que haviam se tornado homens, não eram proibidos de relacionar-se com outros homens, desde que o mesmo assumisse uma postura ativa, e que o outro parceiro na relação fosse mais jovem, visto que, a relação entre dois homens velhos era recriminada pela sociedade, que passava a os olhar com repugnância.

A presença da homoafetividade era tão forte e aceita, que existiam dois conceitos de comportamentos sexuais, onde estes teriam sido inspirados em duas deusas: Afrodite e Urânia. Esses dois conceitos se distinguiam, pois para a deusa Afrodite, a relação que predominava era a carnal, a que envolvia sensualidade, a que não necessariamente, era de comum acordo entre ambas as pessoas envolvidas, e não importava o gênero. E, para a Deusa Urânia, os relacionamentos eram muito mais do apenas a penetração, “o amor celestial por meninos exibido por homens notáveis e nobres, que escolhiam seus amados com cuidado e sensibilidade, dedicando-se à educação e bem estar [...] era essencial ao menino à certeza de que o amante não estava interessado apenas em seu corpo.” (SPENCER, 1996, p.49).

Antes da chegada do cristianismo, o judaísmo, que abrangia os judeus e alguns cristãos, por volta do século IV, relatava que às relações sexuais deveriam ser restritas as leis de Deus, seguindo os ensinamentos estabelecidos perante a relação homem e mulher, “Sede fecundos, disse-lhes ele, multiplicai-vos e enchei a terra.” (GÊNESIS 09 – 01).

Todavia, após a chegada do cristianismo, a homossexualidade ficou a mercê das leis com punições que poderiam chegar até a morte, tonando-se um tabu e tendo sua prática proibida. Os cristãos tinham a prática homoafetiva como algo que estava interligado ao pecado, iniciando assim, um processo discriminatório, preconceituoso e intolerante.

No final do século IV, o imperador Justiniano, converteu-se ao cristianismo, e conseqüentemente, tornou a fé cristã obrigatória entre todo o seu império. Sabe-se que no século V, surgiram leis que proibiam a prática homossexual, penalizando aos praticantes que insistissem em descumprir as leis impostas, com cremação na fogueira ou castração de seus órgãos genitais. Essas punições severas perduraram por volta da Idade Média.

A homoafetividade também foi correlacionada aos desastres e aos acontecimentos naturais advindos desse período histórico, como desastres, catástrofes e pestes, sobretudo, a peste negra, a qual matou milhares de pessoas. Acreditava-se que tudo que ocorresse de ruim era consequência dos pecados cometidos por aqueles que burlavam as leis pré-estabelecidas pela igreja, insistindo na relação homoafetiva, SPENCER, 2000, diz que "os legisladores da geração após 1348 começaram a ver a sodomia como uma grave ameaça à reprodução" (p: 122). E, portanto, toda e qualquer pessoa que praticasse esse ato pecaminoso, teria que se converter ao cristianismo, ou caso contrário, teria que ser punido e banido.

A maior perseguidora dos homoafetivos foi à igreja, apesar de em seus mosteiros possuírem sacerdotes e até papas que iam contrários aos que os cristãos pregavam e a igreja em si impunha, e relacionavam-se com outros jovens, mas em sua maioria, esta relação não se dava através da penetração, nem com o sexo oral, mais sim, com carícias aos órgãos genitais, que podiam ser realizadas com as mãos ou entre as pernas.

Além disso, na Idade Moderna, a homoafetividade foi interligada a uma anomalia genética, passando assim, a ser considerada doença. Estudiosos, passaram a estudar biologicamente e cientificamente os seres homoafetivos, como forma de aprofundar seus estudos, com intuito de descobrir a cura. Muitos médicos e cientistas defendiam suas descobertas sobre como se dava um sujeito homoafetivo, e, portanto, acometendo-os a diversos procedimentos, em busca da tão esperada cura.

Durante a Idade Moderna, os homoafetivos foram tentando conquistar cidadania e diversos conceitos sobre homoafetividade foi extinto e/ ou modificado. A partir do século passado, médicos, psicólogos e psicanalistas aboliram a tese que indicava que a homoafetividade era uma doença, a OMS afirmou em 1993 que, "a homossexualidade não pode ser considerada como desordem mental retirando-a da lista de doenças".

Hoje em dia, existem teorias relacionadas à homoafetividade, onde apontam o fator biológico como agente determinante da definição da sexualidade, conhecida como determinista; a que acredita que o sujeito é responsável por construir e definir sua própria identidade, conhecida como construcionista e a que afirma que o homoafetivo é livre para decidir se é ou não homoafetivo, essa teoria garante que “ninguém escolhe ser homossexual”, ela se deu através de experiências terapêuticas.

A homoafetividade, que é o amor ou desejo sexual entre duas pessoas do mesmo sexo, passou e passa por vários percalços, porém, apesar de todo sofrimento acometidos nos séculos passados e no que vivemos século XXI. Hoje em dia ainda, os homoafetivos, conseguiram muitos avanços perante a sociedade através de lutas, porém ainda está arrematado por preconceito, discriminação e exclusão social. Todavia, hoje, os homoafetivos conseguiram adquirir direitos legais garantidos por lei, como: casar-se em união civil, construção de um contexto familiar, através da adoção de crianças, mudanças de documentos com nomes e sexo alterados, entre outras conquistas que o grupo dos homoafetivos obtiveram.

2.1 Fases psicosssexuais

Freud, através de seus estudos, desenvolveu o estudo de cinco fases do desenvolvimento psicosssexual das crianças, visto que, o autor enfatizava que o processo evolutivo do homem, iniciava nos primeiros anos de vida, onde obteve centralidade na área psicanalista. Segundo Freud, essa teoria vem para assegurar que as crianças sentem prazer desde seu nascimento, mesmo que inconsciente e involuntária.

Esse desenvolvimento sexual foi dividido nos estágios: oral, anal, fálico, latência e genital. Nos primeiros estágios, da fase oral à fálica, são consideradas as fases pré-genitais, em que as crianças estabelece relação com regiões do corpo nestas fases, ou zona erógenas, que são zonas de prazer e a vivência nessas fazem podem marcar positiva ou negativamente a construção da identidade de uma pessoa. Vale salientar, que a excitação está obrigatoriamente interligada ao prazer e a um determinado objetivo. Sabe-se que o prazer não estar correlacionado apenas a relação sexual, e que partes simples do corpo podem também dar prazer sexual, podemos tomar como exemplo o choro do bebê com fome, que logo que a mãe o amamenta atinge seu objetivo e para de chorar.

Abordaremos estes estágios psicosssexuais, para em seguida, correlacionarmos com o desenvolvimento homoafetivo dos indivíduos. Com finalidade de analisarmos quais destas fases contribuem e influem ao desenvolvimento homoafetivo, visto que, estas fases desenvolvem-se na primeira infância e tem sua conclusão na adolescência.

A primeira fase é a oral, que inicia no nascimento e vai até um ano e seis meses de idade aproximadamente. Nesta fase, a zona erógena é boca, portanto, a mesma torna-se a primeira parte do corpo que a criança pode controlar, é por ela que a criança sente prazer seguido de satisfação, como o morder, chupar, lambar, e etc.

A amamentação, por exemplo, é um momento em que a criança utiliza a boca como forma de obter gratificação naquilo que provoca o prazer e, por nesse momento haver caricias, acalento e conforto, a criança faz uma relação entre o prazer com a diminuição da tensão após a alimentação. É também nesta fase, que a criança explora o ambiente em sua volta oralmente, e começa a compreender e a distinguir comportamentos específicos que satisfação algumas necessidades a sua formação.

Nesta fase inicia-se em algumas crianças um processo de fixação, que é quando uma criança fica psicologicamente presa a uma forma de obtenção de prazer que se centra naquela zona erógena, podendo ocorrer nas três primeiras fases: oral, anal e fálica. Essa fixação pode se dá através de uma excessiva frustração ou de uma excessiva satisfação dos impulsos erógenos, podendo assim, fomentar uma pausa no desenvolvimento psicosssexual. Caso haja uma fixação na fase oral, a criança poderá torna-se um futuro alcoólatra, fumante, um comedor compulsivo, pois todas as coisas tem a boca como forma de obtenção de prazer.

Fixando-se num estágio de formação da personalidade, esta pausa pode se dar temporariamente ou permanentemente. Vários exemplos podem nos mostrar como esse processo de fixação acarreta no decorrer da formação da personalidade, segundo Freud, se uma criança obtiver uma amamentação interrompida precocemente, acarretando assim numa excessiva frustração, ela se tornará um adulto com atitudes não confiáveis ou sarcásticas, e se ela for super amamentada, ou seja, se ela obteve um excesso de satisfação, desenvolverá uma personalidade “confiante” e ingênua.

Já no segundo estágio, a fase anal dar-se a partir dos dois anos, fase esta que ocorre a transição da fase oral para a anal, e conseqüentemente a divisão do prazer com outra parte do corpo. Nesta fase a zona erógena é a região anal e uretral, conseqüentemente surgindo diversas questões sobre urinar e defecar, além da criança sentir prazer em controlar os esfíncteres, em especial as fezes, através do movimento de expulsar e retê-las.

Nesse momento se inicia a educação de anseio, onde se a mesma ocorrer de forma severa, à criança pode desenvolver duas formas de caráter: o anal retentivo, em que a criança causa um sofrimento a ele mesmo, através da retenção das fezes, podendo desenvolver um adulto teimoso, avarento, etc.; e no anal expulsivo, que é quando as crianças começam a expelir as fezes em momentos e locais inapropriados, causando o sofrimento não para si, e sim para o outro. É nesta fase onde se aprende a ter controle e limites através da evacuação e a retenção das fezes.

As crianças começam a exercitar seu libido através do processo interligado a um impulso instintivo do ser humano, ou seja, a defecação, integrando-se a estimulação erótica da mucosa anal. O ato de defecar torna-se prazeroso, pois é seguido pela sensação de satisfação. Dependendo de como essa fase é direcionada, o adulto poderá desenvolver a predileção pela relação anal, a avareza, o sadismo, entre outros.

Como nessa idade as crianças ainda não interiorizaram a moral sexual dos adultos, na sua maioria, mostram o seu corpo e encaram o corpo dos outros de forma natural e espontânea. (MARQUES; VILAR; FORRETA, 2006, p.43)

Na fase fálica, é quando inicia o interesse pelo corpo do outro, onde a criança começa a identificar as semelhanças e diferenças entre ambos os sexos, surgindo assim à curiosidade e perguntas sobre assuntos como sexo, gravidez, como se nasceu, ocorrendo assim um interesse pela manipulação e exploração das genitálias. Portanto nesta fase se conhece como o prazer se dá através masturbação do órgão genital, aparecimento de desejos e fantasias que fujam da realidade e moralidade, todavia, a criança busca objetos que estimulem e consigam chegar à obtenção de prazer, em sua maioria, a principal estimuladora desde prazer dar-se por meio da mãe. Porém essa masturbação não é igual à de um adulto, pois não há intencionalidade, a crianças sabe apenas que ao tocar nos órgãos genitais ocorre uma sensação muito intensa de prazer.

Esta fase também é caracterizada pela descoberta do falo, ou seja, o pênis. Em meio a tantas descobertas feitas pelas crianças a cerca de seu corpo, Freud separa dois momentos nessa fase, chamando de complexos de Édipo e complexo de Electra, os mesmo estão interligados ao desejo inconscientes por seus pais.

No complexo de Édipo é quando surge um desejo inconsciente do menino para com sua mãe, e como forma de resolver esse desejo reprimido, cria-se um elo entre pai e filho, o receio da castração também esta presente nesse momento. Já o complexo de Electra, é quando a menina descobre que o menino tem pênis e a menina não, causando assim, um processo de distanciamento

da menina com a mãe e uma aproximação com seu pai. Acarretando assim, o complexo de castração, que é quando a menina deduz que o pênis foi retirado dela, despertando o desejo em tê-lo.

Mediante a estas descobertas, é nesta fase, que a criança começa a desencadear a elaboração da personalidade e da formação de sua identidade. Definindo assim, as relações e atitudes referentes ao sexo oposto na fase adulta. Para conclusão desta fase, pode-se levar em consideração a interferência não só dos pais, mas também as próprias necessidades das crianças em suprir com sucesso todo o processo de formação da identidade do sujeito, pois se esta fase for reprimida ou esquecida, pode acabar tornando-se uma forma patológica. O período dessa fase e de três anos, indo dos três aos seis anos de idade.

No quarto estágio, a fase latente é marcada pela falta de estimulação dos pais para com os filhos, pois esta ocorre num período onde se inicia a vida escolar e social das crianças, entre seis e até o início da puberdade, 12 anos de idade. Como consequência, o desenvolvimento psicosssexual é pausado, havendo uma diminuição das atividades sexuais, para assim, iniciar uma modificação no que diz respeito a aumento gradativo da obtenção do prazer, conhecido nas fases anteriores. O extinto sexual fica adormecido por um tempo, dando lugar a outras atividades que estimulam o convívio social, como relações de amizade com pessoas do sexo oposto, atividades escolares, etc.

E o último estágio é o genital, que tem seu início com a chegada da puberdade, com a mudança física do corpo e da adolescência, com a iniciação da maturidade psicológica. É onde os adolescentes expressam seus desejos sexuais reprimidos na fase latente, também sendo caracterizada também pela expressão de sentimentos ligados a emoções e a rebeldia. O desejo sexual nesta fase deixa de ser apenas do seu próprio corpo, e passa a ser também pelo o de outras pessoas. Tendo início assim, os relacionamentos entre pessoas, e o aprimoramento dos sentimentos como amor, paixão, entre outros.

Freud quando iniciou seu estudo psicanalista dos estágios psicosssexuais a partir da primeira infância, o fez baseado no desenvolvimento heterossexual das pessoas. Porém, muitos desses estágios podem fazer correlações entre o desenvolvimento homoafetivo, explicando assim, como podem estar presentes na formação da identidade e no descobrimento do desejo sexual entre pessoas do mesmo sexo.

Freud aponta que o desenvolvimento infantil tem forte influência no desenvolvimento adulto de uma pessoa. “O desenvolvimento da personalidade envolve uma série de conflitos entre o indivíduo, que quer satisfazer os seus impulsos instintivos, e o mundo social (principalmente a família), que restringe este desejo.” (CLONINGER, 1999, p. 55).

Muitos autores afirmam que a descoberta da homoafetividade só se dá com a maturidade, quando os jovens conseguem ter certeza de seus desejos. Portanto, os estágios que mais aplicam a esta descoberta são as fases fálica, latente e genital. Porém Freud aponta que desde a primeira infância, as duas primeiras fases também podem intervir na formação da identidade do ser, desde que os pais não saibam manipular e direcionar essas fases, e conseqüentemente provocar traumas e conseqüências até na personalidade. “Freud explicava a homossexualidade como uma inversão na identidade sexual, devido à inversão nas identificações nas relações parentais. Não é mais considerada uma perversão, pois os perversos independem da identidade sexual” (TINOCO, 2008)

As fases psicosexuais mais importantes para a formação da identidade sexual, segundo Freud, são a oral, anal e fálica, pois estão vinculadas ao desenvolvimento fisiológico, frustrações, e a múltiplas formas de redução de tensões subsequentes a evolução do sujeito.

Nas fases: oral e anal, podemos analisar que havendo uma fixação na boca ou ânus respectivamente poderá causar alteração no processo de identidade, causando assim distúrbios relacionados ao determinado estágio não concluído com êxito, a predileção pelo sexo anal, como foi visto acima, é característica de um processo advindo de um trauma ocorrido no decorrer das mesmas.

Para Freud a fase mais importante para a definição da homoafetividade é a fálica, onde se explica, por uma má saída do complexo de Édipo, pois é quando as crianças não conseguem assimilar as características do pai, aperfeiçoando interiormente os jeitos afeminados de sua mãe, sobretudo o desejo sexual pelo homem. E, portanto seria nessa fase que estaria formada a personalidade, observando que a fixação na fase afetaria na identidade do papel sexual e até mesmo da definição da opção homoafetiva.

As crianças antes de completarem os seis anos ditam que a qualquer momento podem mudar de sexo, ou seja, acreditam que isso depende da vontade e que a sua personalidade é derivada mais das características do papel que lhe é atribuído por meio de brinquedos, roupas e jogos do que das suas características biofisiológicas. (FARIAS, NANTES, AGUIAR, p. 16)

Porém, a passagem por todas as fases psicosexuais é de suma importância para a definição da opção sexual, pois elas afetam tanto o desenvolvimento físico como psicológico de uma criança, que posteriormente, torna-se um adulto a partir do que foi vivenciado e absorvido durante os cinco estágios definidos por Freud.

3. RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS HOMOAFETIVOS

A sexualidade, mais precisamente a homoafetividade é um tema ainda de muito tabu para os pais dialogarem com seus filhos, principalmente por famílias tradicionais. Sabe-se que esse tema, por mais que não haja o diálogo entre pais e filho a respeito dessa opção sexual, está cada dia mais presente no nosso cotidiano e que se tem uma importância cada vez maior o diálogo referente ao mesmo. É um assunto que fez e faz parte de nossas vidas, e que geralmente os pais tendem a tratar como algo anormal perante a sociedade que sofre até hoje resquícios da formação familiar colonial, ou seja, de séculos passados. Instintivamente, os pais tendem a defender seus filhos de tudo e de todos, buscando sempre o um método que livrem seus filhos de uma sociedade preconceituosa e marcada por discriminação.

Esse preconceito se dá pelo receio de aceitar o diferente; Freud aponta que “o medo frente ao desconhecido, ao diferente, é menos produto daquilo que não conhecemos, do que daquilo que não queremos e não podemos reconhecer em nós mesmo por meio dos outros”. (Freud, 1975, p. 17)

Desde o nascimento de seus filhos, os pais tendem a formular como será a vida dos mesmos num futuro preparado e esperado, voltado a uma visão cultural em sua volta. A sociedade tende a idealizar um preparo heterossexual para as todas as crianças, por mais que a homoafetividade tenha tido um aumento significativo no decorrer dos tempos. Mas a maioria das pessoas não idealiza ter um filho gay, e sentem-se decepcionados quando começam a perceber que a orientação de seus filhos não está caminhando ao que se foi esperado. Sobretudo, isso se dá pelos pais também sofrerem forte pressão moral, determinando o que é ser homem e o que é ser mulher, iniciando-se assim, práticas de abuso físico e verbal contra seus filhos.

O comportamento sexual de um adolescente é fruto de modelos e padrões repassados pelos seus pais, influenciando assim, na construção da sexualidade de seus filhos, cabendo a eles acompanhar e apoiar seus filhos independentemente de sua opção sexual, porém não é algo que vá definir se o filho será homoafetivo ou heterossexual.

Porém, para muitos pais, a descoberta de um filho homoafetivo nem sempre é algo fácil. Alguns pais tendem a entrarem em estado de choque ao começar a perceber a predileção de seus filhos (as) por pessoas do mesmo sexo e trejeitos característicos de outro gênero. E ainda tem

aqueles que desconfiam, mas como não querem acreditar, preferem fingir que seus filhos não se sentem atraídos por pessoas do mesmo sexo.

E uma parcela desses filhos que são homoafetivos prefere de início reprimir seus desejos sexuais, para poderem assim, satisfazer o ego de seu pai e também pelo medo de como será as consequências após a revelação de sua opção sexual.

Após a revelação do filho aos pais referente à sua opção sexual, eles (os pais) começam assim a procurar um “por quê” do filho ter “virado” homossexual, começam a procurar uma razão, um culpado para a opção sexual de seu filho não ter seguido a orientação imposta e esperada pela sociedade.

Muitos pais não conseguem aceitar a homoafetividade de seu filho (a), chegando ao ponto máximo da agressividade, ao espancar, insultar e não apoiar este filho (a). Nenhum pai ou mãe foi ou estar preparado para ser pai de um homoafetivo, e por isso a dificuldade de apoiar o filho (a) de imediato.

[...] ao se declararem culpados pelo que está acontecendo aos filhos, ou até pelo que lhes possa acontecer no futuro, em nada os pais estão ajudando os filhos nas suas agruras evolutivas, cuja responsabilidade é dos próprios filhos tanto quanto dos pais e da sociedade. Da própria vida, enfim, com todas as vicissitudes que lhe são inerentes. A culpa paralisa. Pais culpados geralmente deixam de funcionar como adequados recipientes para as ansiedades dos filhos; acabam por incrementar suas sensações de confusão e desamparo antes às dificuldades de seu momento evolutivo (OSORIO, 2002, p. 85)

Ainda nos dias de hoje, muitos pais ao descobrirem a opção homoafetiva de seus filhos entram em desesperos, e ficam sem saber como lidar com a questão, pela falta de preparo, por em sua maioria, ter tido uma criação ligada à definição da heterossexualidade, o sexo para procriação e o conceito de família constituída de homem e mulher. Apesar de hoje em dia existir uma abertura maior sobre a consciência do que é a homoafetividade e ter aumentado o conceito de família, deixando de ser reconhecida apenas a família nuclear, constituída de pai, mãe e filho (s), e passando a valer também o conceito de família monoparental, onde é composta de pai ou mãe e filho (s) e a homoparental, que corresponde à família formada por um casal do mesmo sexo, sejam homens ou mulheres.

O diálogo voltado a homoafetividade e sobre a sexualidade no geral nem sempre é algo que ocorre de forma aberta e livre de constrangimento, muitos pais sequer chegam a conversar com seus filhos sobre o tema discutido no decorrer deste artigo, de forma que, faz-se necessário sobre sexo e o que o abrange desde os primeiros anos de vida. Instruindo assim, seus filhos a uma visão de mundo mais aberta e não tão ligada ao que a sociedade impõe. Esta comunicação faz-se importante para o auxílio do desenvolvimento sexual dos filhos, deveria dar-se através de uma forma simplória e não impositiva e com consenso entre as crenças, valores e situação imposta pelos pais.

Infelizmente, o diálogo entre pais e filhos, nem sempre é algo abordado e explanado, muitos pais preferem ficar presos aos padrões estereotipados por uma sociedade que foi cultivada em meios a aceitação de relações heterossexuais.

Sabe-se que desde o início de vida de uma pessoa, os pais são tidos como primordiais, e que eles são o alicerce de qualquer estrutura familiar, seja ele convencional ou não. Sobretudo, existe uma dificuldade quando os pais descobrem a opção homoafetiva de seus filhos, em doar certo acolhimento, apoio, força e tudo que um homoafetivo precisa e espera para enfrentar tudo o que for pejorativo e que a vida irá lhe propor dentro de uma sociedade preconceituosa. A homoafetividade não é algo errado, ou que foi escolhida, ela se dá para uma realização de uma felicidade pessoal, que quem a assume deve ser respeitado, e apoiado. Lembrando que a homoafetividade é guiada por uma “escolha”, que esta é movida pelo desejo sexual, ou seja, a pessoa não escolhe gostar de outra do mesmo sexo, ela simplesmente sente desejo por uma pessoa do mesmo sexo.

Para um filho revelar sua opção a seus pais, muitos problemas internos precisam ser resolvidos, precisando assim ter plena certeza da mesma, pois a homoafetividade é algo que meche com o todo, principalmente com os sentimentos, mesmo que eles sejam de reprovação. Sabemos que não se escolhe qual a direção seguirá orientação sexual do sujeito e que os pais devem ser cientes disto. FURLANI, 2007, explica que “uma das tentativas atuais de explicação da orientação sexual é a de que hormônios atuariam a nível embrionário, no cérebro (na região do hipotálamo).”

Os adolescentes na atualidade tendem primeiro a revelar sua orientação sexual a outros jovens, isso por volta dos 16 anos, já aos pais, pela falta de segurança e por medo da reação dos mesmos, esses jovens só tende a se assumir mais tarde, porém mesmo assim, na maioria das vezes, as mães são as primeiras a ficar ciente da orientação sexual do seu (a) filho (a), antes mesmo dos pais, pois se tem uma imagem mais rude do pai e o medo da reação violenta destes. E isto

acontece, por não haver uma abertura na comunicação entre pais e filhos, e principalmente por estes não terem uma ligação íntima e clara.

4. CASOS MIDIÁTICOS SOBRE HOMOAFETIVIDADE

Um número significativo dos meios de comunicação tem buscado uma forma de tratar da homoafetividade com mais clareza e propriedades, visando à ampliação da abertura da mente de muitas pessoas que reprimem o fato de uma pessoa se interessar afetivamente por outro do mesmo sexo.

Porém, o mesmo tempo que a mídia ampliou a discussão sobre a homoafetividade, conseqüentemente, o número de reportagens e opiniões a favor e contra aos gays foram ganhando mais ênfases, mostrando para todos os que têm acesso a esses meios, diversos tipos de violências sofridas pelos homoafetivos e a amplitude das lutas a favor dos direitos e conquistas dos mesmos. Sabemos que vivemos em uma democracia e que o direito de expressão é livre, no entanto, ainda hoje, temos diversos tipos de repressão física e verbal contra os gays.

Como nosso foco neste artigo é relatar como se dá a relação entre pais e filhos, iremos dentro dos vastos casos ocorridos contra homoafetivos por seus pais, analisar como se dá a aceitação da homoafetividade de seu filho, o ato violento contra filhos homoafetivos é mais comum do que deveria, mas por ser um fato muito presente na nossa realidade, escolhemos dois casos que ocorreram no último quinquênio, ou seja, entre 2011 e 2016. Pesquisas apontam que ocorre algum tipo de violência contra homoafetivos a cada hora, vale ressaltar que a violência para com o homoafetivos, em sua maioria, ocorre por pessoas conhecidas dos mesmos, dificultando assim, uma denúncia a autoridades competentes.

O primeiro caso a ser abordado ocorreu no ano de 2014, no estado do Rio de Janeiro, e relata o triste acontecimento que teve um final trágico e revoltante. Filho de pais separados, um garoto de oito anos que morava com sua mãe no Rio Grande de Norte e pediu para ir morar com o pai até o fim da sua vida, tempo esse de seis meses. O mesmo foi espancado até a morte por seu pai, por o mesmo ter medo de ser filho tonar-se homossexual.

Esta criança, segundo relatos na reportagem do site UOL, foi espancada durante duas horas e em seguida socorrida para uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), porém já chegando sem vida ao local. Após autópsia realizada no Instituto Médico Legal (IML), verificou-se que durante o

espancamento, o pulmão da criança teria sido perfurado, ocasionando uma hemorragia interna, causando assim sua morte.

Vale salientar o motivo desse espancamento, que ocorreu pelo filho gostar de lavar louça, de dançar a dança do ventre, por não querer cortar o cabelo e por ter trejeitos afeminados. Em depoimento na delegacia, o pai, afirmou que as “surras” dadas em seu filho eram “corretivos” acometidos com frequência, para que o mesmo tomasse “jeito de homem”. E que, segundo o mesmo site, vizinhos afirmaram que o suspeito pelo crime, pai da criança, já havia rejeitado outro filho de doze anos por não ter “um jeito másculo”.

Se levarmos em conta o contexto socioeconômico desse senhor, perceberemos que o mesmo não possuiu uma formação social adequada para vivencia num mundo com diferentes personalidades. O mesmo era envolvido com tráficos de drogas e residia em uma área disputada por três facções do crime do estado do Rio de Janeiro. Casado e pai de cinco filhos, foi preso um dia após do ocorrido, e indiciado por homicídio.

Esse caso nos remete a uma pergunta muito simples, será que surra muda o desejo sexual de uma pessoa? E a resposta é não. O que o espancamento causa são danos físicos e psicológicos, principalmente em uma criança, que tende a ter seu pai com um herói e busca nele um exemplo de ser a quem deseja ser seguido.

O que podemos reconhecer nesse caso é à falta de apoio do pai para com o filho, falta de aproximação, falta de afeto e muita discriminação, preconceito e falta de conhecimento a cerca do assunto.

Esse caso foi alvo de diversas opiniões contras e a favor do pai, pois algumas defendiam que o mesmo tinha pleno direito de intervir da forma que achasse correta nas vontades e inclinações de seu filho. Os filhos geralmente são subordinados ao que os pais já formularam para eles, porém o que esses pais precisam compreender é que a decisão é terminantemente de seu filho, e que agressão nenhuma pode levá-lo a ser o que os pais idealizaram. Os pais devem ser orientadores, estimuladores e darem opiniões a cerca de vários assuntos, inclusive sobre a opção sexual de seu filho, mas ele nunca irá conseguir fazer que o filho seja o que ele não é, nem poderá tomar decisão nenhuma pelo mesmo.

No segundo caso, ocorrido no ano de 2013 na cidade de Três Lagoas no estado de Mato Grosso, um pecuarista de quarenta e seis anos, agrediu seu filho a chutes e socos ao ter a confirmação referente orientação sexual de seu filho e por não aceitá-la, porém neste caso, a agressão não ocasionou em óbito. O pai, segundo depoimento da mãe a delegacia, após as agressões tinha como objetivo manter seu filho preso em um quarto sem energia apenas por não

aceitar a opção sexual do filho. Segundo a mãe da vítima o agressor, alegou ao bater no filho que o mesmo estava “endemoniado” e que não aceitava de forma alguma ter um filho homoafetivo.

A vítima era um adolescente de dezesseis anos, e segundo relatos da reportagem, as agressões e denúncias já havia ocorrendo pelo menos um ano atrás, só que como em algumas violências domésticas, as denúncias eram retiradas, ocorrendo assim, a falta de punição ao agressor, ocasionando o caso a qual estamos analisando.

O ápice desse caso deu-se quando, depois de muito machucado, o filho foi levado ao hospital e continuou sendo agredido pelo pai, que o amarrou uma corda na perna do filho e ameaçou jogá-lo e arrastá-lo com o carro em movimento, caso o filho se recusasse a deixar de ser homoafetivo.

Este pai tinha um histórico violento, ele também agredia a sua esposa, porém, a mãe ao ver o estado em que seu filho ficou, segundo a reportagem, pediu as autoridades competentes medida preventiva de segurança, para assegurar que legalmente, nada de grave voltaria a acontecer.

Podemos observar com clareza que nesse caso, o pai era altamente tradicional, e interligado a culturas imposta pela sociedade, a mesma que impõe o contexto familiar convencional. Podendo ser advindo da forma da criação dos pais, ou pelo o contexto socioeconômico que o mesmo está inserido. Este pai residia no interior do estado do Mato Grosso, onde nem sempre as mentes se abrem para o diferente, pela falta de conhecimento e constrangimento a serem comentadas e abordadas.

A reação destes, não foi algo incomum, pelo contrário, reações de violências entre pais com filhos ao descobrirem sua homoafetividade é inegavelmente presente em nosso contexto diário. O preconceito perpassar gerações, fechando os indivíduos a aceitarem algo de diferente que venha a interferir no contexto familiar, como por exemplo, a homoafetividade, que sempre existiu, mas que em maior parte de sua história, foi submersa em atitudes preconceituosas e conflituosas.

Chega a ser um absurdo ainda nos dias de hoje, após tanto sofrimento acometidos pelo homoafetivos, existir um vasto número de casos de violência de pais contra seus filhos, pesquisas apontam que violência contra os homoafetivos iniciam em dentro de casa, pelos pais, chegando a obter um percentual considerável. Muitos pais leigos do assunto e atordoados pelo choque de seu filho ter assumido sua orientação sexual, expulsam seus filhos de casa, agridem verbalmente e fisicamente, a fim de reverter o desejo sexual do seu filho por outra pessoa do mesmo sexo, e tentando assim, a imposição de algo que não foi escolhido pelo mesmo.

Nos dois casos podemos perceber que os pais queriam de qualquer forma impor a que orientação sexual o filho deveria seguir, sabemos assim que, os mesmo não poderiam obter êxito

em seu desejo, pois o desejo homoafetivo não é algo escolhido, simplesmente acontece, cabendo a todos apenas respeitar essa opção.

Tomamos esses casos como exemplos a serem expostos por terem sido bastante repercutidos no momento em que ocorreram e por nos mostrar duas ações contra os homoafetivos que ocorrem frequentemente no cotidiano dos mesmos.

Vale indagar que apesar da violência contra os homoafetivos, existem pais que apoiam seus filhos logo após a descoberta, disponibilizando compreensão e confiança, até pelo motivo dos gays não deixarem de serem seres humanos, com sentimentos, e que de forma alguma os mesmos deixaram de serem filhos de seus pais, quer que eles aceitem ou não.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os diálogos com os autores no decorrer do artigo, podemos dizer que a relação entre pais e filhos nem sempre é como deveriam ser, visto que os pais de filhos homoafetivos não costumam olhar do mesmo jeito o filho que se assume homoafetivo perante a família e a sociedade. Dificultando assim, a funcionalidade de uma família como um todo, já que os filhos homoafetivo, em alguns casos, passam a ser excluídos e separados do convívio com pessoas que permeiam uma estrutura familiar.

Não só os pais, como a família em geral tem dificuldades em lidar com a opção sexual de um membro da mesma, pois como já foi relatado acima, ninguém é preparado para ter uma clareza no que diz respeito à homoafetividade, refletindo assim, na falta de aceitação. Tornando dessa forma o ambiente familiar homofóbico, imerso na pontencialização dos danos causados pela a imposição da heterossexualidade.

Todos deveriam levar em consideração que ninguém escolhe ser gay, o desejo pela pessoa do mesmo sexo simplesmente surge, sem que ninguém tenha que querer ou não querer, e não cabe a ninguém decidir a que sexo o filhos irá ser atraído sexualmente, nem mesmo os pais, apesar deles idealizarem sonhos e desejos para os filhos desde antes da gestação, como ocorre em alguns casos, e conforme os filhos não sigam o esperado, os pais se decepcionam e demonstram aversão à opção sexual desenvolvida.

Os pais não sabem lidar com a orientação sexual de seus filhos, pelo o motivo mais simples e, de certa forma, mais importante, que é a possível falta de diálogo entre os pais e os filhos e

despreparo. Não se pode compreender algo que não se conhece, nem tão pouco aceitar. Muitos pais não buscam aproximar-se de seus filhos, exercitando assim a repressão, o afastamento, etc., eles estão mais preocupados com o que os “outros” irão pensar se algo não acontecer como o previsto. Sabe-se que desta forma, os pais no lugar de se importarem com quem realmente necessita, faz o contrário e vira as costas para o filho, no momento em que mais precisam ser fortalecido e apoiado.

Apesar de notar-se um avanço no âmbito familiar, muitos pais preferem ficar imersos em seus costumes e criação, não abrindo um leque para o conhecimento das causas dos homoafetivos e privando assim, seus filhos de um momento extremamente importante para a vida dos mesmos.

Ao filho assumir sua orientação sexual, os pais, em sua maioria tendem a achar que é uma sentimento passageiro, e em alguns casos buscam obrigar seus filhos a envolver-se com pessoas do sexo oposto, como forma de obrigação. O primeiro impacto com a frase “Mãe e pai, sou gay!”, causa certo transtorno momentâneo ou permanente, porém o mesmo não deixa de ser uma falta de explanação de assuntos tidos como tabus e a conhecimento desses pais para com seus filhos.

Portanto, sabemos que os pais são vítimas tanto quanto os filhos, pois a sociedade os prepara apenas para o padrão heterossexual imposto desde o início do cristianismo, tendo em vista a não aceitação de tudo o que vir contra o que foi plantado na mente de muitas pessoas. Muitos dos comportamentos inadequados dos pais com filhos homoafetivos se dão pela falta de uma estrutura familiar com clareza e abertura para todo o tipo de conversa, excluindo assim, uma forma ampla de compreensão e acolhimento desse filho.

Verificamos que a homoafetividade não é e nem pode ser modificada por nada nem por ninguém, portanto, não adianta os pais espancarem, excluírem, cortarem relações com os filhos, os excluírem de um convívio familiar, porque nada disso irá intervir na orientação sexual do mesmo.

Os pais, assim como os filhos, devem aprender a se relacionar com o novo filho (a) dentro do contexto familiar, pois apesar de sua opção sexual, o filho não deixará de ser filho e os pais não deixarão de serem pais. Ambas as partes devem procurar entender o outro lado, e consequentemente, aceitar o próximo de jeito que lhe é possível ser.

Nos dias de hoje, com o avanço da discussão do tema deste artigo, começaram a existir grupos de apoios a pais de homoafetivos que porventura não aceitou a orientação sexual do mesmo. Esses grupos se dão através de encontros, palestras e trocas de experiências entre pais que já aprenderam a aceitar seus filhos da forma que eles são e pais que estão em busca dessa aceitação. Podemos assim indagar, que essa aceitação nem sempre ocorre em um curto período de tempo, podendo se estender por mais tempo do que o esperado.

Analisamos ainda que as hipóteses levantadas no início deste artigo foram confirmadas pois, é uma realidade que a falta de comunicação interfere sim na aceitação dos filhos, pois os pais ou cuidadores nunca esperam que seu filho seja gay, mas essa falta de diálogo impossibilita que os pais possam ouvir como os filhos sentem-se em relação as suas angústias e dúvidas pessoais.

E a outra hipótese que foi levantada: esta dificuldade na questão da relação de pais e filhos (a) pode ocorrer devido ao desenvolvimento da sexualidade dos pais interferindo no desenvolvimento de seus filhos (as)? Também é pertinente, pois nós damos ao outro aquilo que nós somos e aquilo que nós temos. Por isso os valores adquiridos na sexualidade desses pais interferem de forma relevante na forma como eles vão conduzir e avaliar a sexualidade de seus filhos.

Finalizamos expondo que a relação entre pais e filhos, sejam eles homoafetivos ou não, deve ser baseada em um envolvimento em ambas das partes na vida um do outro, valendo salientar, que como os conceitos e estereótipos estão em constante modificação, faz-se necessário uma contínua discussão em relação ao tema discutido no decorrer deste artigo, tendo como finalidade a construção de entendimento para com o assunto, e a melhoria numa vivência entre pais com filhos homoafetivos.

6. ABSTRACT

The homoaffective is a very complex issue, no longer called homosexuality because science found that is not a mental disease, calling instead themselves homoaffective and not facing it as in a libidinal perspective of the relationship but the presence of affectivity. Between the years 1948 and 1990 the homoaffective was called homosexuality, it was considered a mental disorder, so on May 17, began to celebrate the exclusion of homosexuality from that international static ranking disease and problems related to health. Homoaffective refers to those who are attracted (sexually or emotionally) for same-sex people making sex with them. So, it can be regarded as love and/or desire to a person of the same sex. This article aims to make reflections on parents about homoaffective of the children. The methodology was through literature, qualitative and analytical research, based on two media cases taken from sites, involving two different families, where acceptance was analyzed and the attitudes of parents regarding the sexual orientation of their children. This literature will be on the subject matter, being made through dialogue with various authors who study homoaffective. On the dialogue with the authors studied in this article, we concluded that there is a difficulty not only social, because our society still treating the homoaffective in a homophobic way, understanding homophobia as a rejection of homoaffective, but also in family homes, where people of families as a whole, starting with parents, have difficulty dealing with something that does not it is connected to what they proposed to their children.

KEYWORDS: Homoaffective. Parents. Children.

7. REFERÊNCIAS

CALDEIRA, C. G. P., FURTADO, M. C. S. **Cristianismo e diversidade cultural: conflitos e mudanças.** Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br>>. Acesso em: 18/04/2016.

CLONINGER, Susan C. **Teorias da Personalidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. Pg. 53-63.

CASTRO, Nadyenka. **Pai agride filho de 16 em MS por não aceitar que o jovem é gay, diz polícia.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2013/08/pai-agride-filho-de-16-em-ms-por-nao-aceitar-que-o-jovem-e-gay-diz-policia.html>> Acesso em: 30/04/2016

DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_psicossexual> Acesso: 15/03/2016

FARIAS, T., NANTES, E., AGUIAR, S. **Fases psicosssexuais Freudianas.** Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>>. Acesso em: 12/04/2016

FERRARI, J. S. **FASE DA LATÊNCIA.** Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/psicologia/a-fase-latencia.htm>>. Acesso: 26/03/2016

FILHO, Amilcar Torrão. **Tribades Galantes, Fanchonos Militantes: Homossexuais que fizeram história.** São Paulo: Editora Summus, 2000, p.79.

FILHO, F. C. M., MADRID, D. M. **Homossexualidade e a sua história.** Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1646/1569>> Acesso em: 17/04/2016

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade - Vol. 1: A vontade de saber** Editora/Ano: Editora Paz e Terra S/A /2000

FREUD, Sigmund. **A sexualidade Infantil.** Disponível em: <http://www.portalgens.com.br/filosofia/textos/a_sexualidade_infantil_freud.pdf>. Acesso em: 27/05/2016.

GIBBON, **Declínio e queda do Império Romano.** ch.27. 2:56 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade_na_Roma_Antiga>. Acesso em <03/04/16>

GIMENES, V.C.; RIBEIRO, P.R.M. Notas de um estudo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas concepções e vivências sexuais. **Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão.** Araraquara: FCL/ Laboratório editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000, p. 39-67.

MARQUES, António Manuel; VILAR, Duarte; FORRETA, Fátima. **Os afectos e a sexualidade na educação pré- escolar: Um guia para educadores e formadores.** Lisboa: Texto Editores, 2006.

Menino de 8 anos que gostava de lavar louça morre espancado pelo pai no Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas->

[noticias/2014/03/05/menino-de-8-anos-que-gostava-de-lavar-louca-morre-espancado-pelo-pai-no-rio.htm](#). Acesso: 30/04/2016

SPENCER, C. **HOMOSSEXUALIDADE**: uma história. Rio de Janeiro. Record. 1996.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. Coleção **Contraluz**. São Paulo: Record, 2000.

TINOCO, D. H. **HOMOSSEXUALIDADE**: escolha ou descoberta? Disponível em: http://www.bonde.com.br/?id_bonde=1-27--34-20080607 Acesso em: 15/04/2016.

VERDON, J. **Homossexualidade na igreja**: uma tradição medieval. Disponível em: http://www.uol.com.br/historiaviva/reportagens/homossexualidade_na_igreja_uma_tradicao_medieval.html . Acesso em: 08/04/2016.